

Genuinamente Potiguar

Feira Nacional do Camarão exibe o potencial da carcinicultura brasileira e sua abrangência internacional, se configurando como um importante fórum de discussão e promoção da aquicultura brasileira e latino-americana

| Mariana Cavalcanti, de Natal (RN)

Nota do Editor: Artigo publicado originalmente na edição 63 de Julho 2012 da Revista Feed&Food. A ABCC agradece os editores da revista bem como Mariana Cavalcanti pela autorização de publicar este artigo na nossa revista.

A situação do Brasil no que se refere à aquicultura é realmente peculiar, pois enquanto a crescente demanda mundial depende e reclama do ritmo do progresso da produção brasileira de pescado, que segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, sigla em inglês) se configura em uma das poucas alternativas para o aumento da oferta mundial de pescado, o País segue ignorando essa realidade, ora pela falta de vontade política, aliada às amarras ambientais impostas por xiitas travestidos de benfeitores da natureza – estes muitas vezes patrocinados por interesses internacionais – que travam o desenvolvimento aquícola brasileiro.

Enquanto isso ocorre, sem cerimônia alguma, o País eleva suas importações de pescado a uma taxa média anual de 50%. De acordo com dados da Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC, Natal/RN), em 2011 foram importados 344,6 milhões de toneladas de pescado, o que representa um total de US\$ 1,25 bilhão, e as projeções apontam que esse valor chegará a US\$ 1,5 bilhão em 2012, o que significa 600 mil empregos sendo gerados em dezenas de outros países, além do déficit na balança comercial do setor superior a US\$ 1,3 bilhão.

Com o objetivo de discutir essas e outras questões, como a falta de incentivo e priorização quanto a aquicultura familiar foi realizada a 9ª Feira de Internacional de Camarão (Fenacam 2012), que aconteceu entre 11 e 14 de junho, no Centro de Convenções de Natal, com objetivo de apresentar os principais avanços tecnológicos e informações atualizadas sobre a cadeia produtiva da aquicultura nacional e internacional.

“O setor pesqueiro brasileiro tem reais condições de ser amplamente superavitário, no entanto, a atividade custa R\$ 5 bilhões/ano a toda sociedade brasileira, ou seja, um valor próximo ao PIB setorial. É como se o País colocasse todos os anos em um imenso ralo uma verdadeira fortuna, que se fosse direcionada para o incentivo à produção aquícola a realidade do setor seria bem diferente. Basta comparar *vis á vis* com o fato de que com apenas R\$ 500 milhões em financiamentos para a carcinicultura brasileira nos últimos 30 anos, o setor produtivo gerou R\$ 1 bilhão em 2011”, comentou o presidente da ABCC, Itamar Rocha em discurso de abertura.

E para complementar este debate, se fizeram presentes governantes nas esferas Estaduais e Federais e representantes de entidades de classe. Entre as autoridades, estava a governadora do Estado do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini, e o ministro da Pesca e Aquicultura (MPA, Brasília/DF), Marcelo Crivella. Em seu pronunciamento a governadora, considerou de fundamental importância criar condições aos pequenos produtores, proporcionando condições de competitividade no mercado interno, além de participar dos benefícios de financiamento e políticas públicas. “A meta também é contribuir na agilidade das licenças ambientais, para que os produtores trabalhem na legalidade, pois a ideologia não pode ser o marco maior de forma a colocar empecilhos que entravam a atividade”.

Já o ministro lamentou a falta de apoio governamental na produção potiguar e frisou que “a Fenacam é um grande avanço, e devemos contar com a força do empresariado para que aumentemos a produção em 2012”, e completou que devido às importações de Bacalhau, Salmão e Pangásius, isso se torna vergonhoso aos brasileiros em virtude da quantidade de recursos que o País possui. “Essas importações desenfreadas e a dificuldade nas licenças ambientais atrasam o desenvolvimento e nos colocam de joelhos perante o mundo e a FAO. Precisamos deixar as ideologias de lado e trabalharmos em conjunto”, frisou Crivella.

As crescentes importações de pescados oriundos da China e do Vietnã tornam-se uma ameaça à estabilidade e desenvolvimento da aquicultura. Para Rocha é necessário melhorar a organização setorial, com a mobilização de toda a cadeia produtiva para fortalecer as respectivas associações a exercerem um vigilante e decisivo papel reivindicatório, no âmbito Federal, Estadual e do Congresso Nacional. “Nesse contexto, destaco a luta e direto envolvimento da ABCC, na arena política no âmbito

